

Twitter: o progressismo de alguns, intimida os outros?

A opinião predominante no Twitter não é o que a maioria da sociedade pensa: aquela inclina-se mais para a esquerda e para a crítica. É o que mostra um estudo do Pew Research Institute, depois de comparar, durante um ano, as reações nesta rede social com as opiniões expressas nos inquéritos perante oito grandes acontecimentos da vida política dos Estados Unidos.

O estudo “Twitter Reaction to Events Often at Odds with Overall Public Opinion” (Amy Mitchell e Paul Hitlin; 4.3.2013) do Pew, conclui que “as reações no Twitter a importantes acontecimentos e decisões políticas diferem muitas vezes bastante do sentir da opinião pública nos inquéritos”. A divergência assenta em que “por vezes, o Twitter é mais progressista do que o expresso nas respostas dos inquéritos, e noutras é mais conservador. Normalmente, o que destacam são os comentários negativos”.

A julgar pela conclusão do Pew – aquilo que têm repetido de forma assética muitos meios de comunicação –, parece que a falta de coincidência se desenvolve bem, porque os *twitteiros* passam ao lado das classificações de progressistas e de conservadores. No entanto, os mesmos casos analisados pelo Pew desmentem essa conclusão tão neutral: na realidade, a opinião predominante no Twitter é a progressista, e é esta a que com mais frequência não coincide com a dos inquéritos.

Em quatro dos oito acontecimentos analisados pelo Pew, a reação no Twitter foi mais inclinada para posições progressistas do que a média nacional. Só em dois houve, nesta rede social, uma inclinação para posições conservadoras. E, nos outros dois casos, as respostas no Twitter e nos inquéritos foram similares.

Por exemplo, quando Obama foi reeleito em novembro de 2012, um inquérito realizado nos dias seguintes mostrava uma divisão de opiniões ajustada: 52% declaravam-se “contentes” com a sua vitória, contra 45% de “descontentes”, coerente com o ocorrido nas urnas. Mas, no Twitter, os comentários a favor de Obama alcançaram os 77%, contra 23%.

O Twitter também foi mais positivo com a sentença de um tribunal federal que, em fevereiro de 2012, declarou inconstitucional a lei da Califórnia, a qual reconhecia somente o casamento entre homem e mulher na Constituição estadual. 46% aplaudiram a decisão contra 8%. Estes resultados contrastam com os de um inquérito do Pew, onde 33% se mostram a favor contra 44% de críticos. Sobre esta temática, o Supremo Tribunal dos EUA (em junho de 2012) não deu seguimento à contestação da decisão do tribunal federal.

Os dois casos onde a reação do Twitter foi mais conservadora do que a do sentir dos inquéritos são: o discurso de Obama sobre o Estado da Nação pronunciado em janeiro de 2012 e o de investidura no seu segundo mandato. Os dois casos em que as respostas do Twitter e as dos inquéritos foram semelhantes: a decisão do Supremo Tribunal sobre a reforma da saúde e a designação de Paul Ryan como companheiro eleitoral (para vice-presidente dos EUA) do candidato presidencial republicano Mitt Romney.

Outra conclusão interessante é que as reações no Twitter se inclinam mais para a crítica do que para o elogio. Isto observou-se, por exemplo, no acompanhamento da campanha presidencial norte-americana: tanto Obama como Romney receberam mais comentários negativos nessa rede social do que nos inquéritos. No Twitter, o candidato republicano foi criticado especialmente entre setembro e novembro de 2012.

O estudo do Pew cita três razões para explicar o desajustamento que acontece entre o que é expresso no Twitter e as opiniões dos inquéritos. A primeira é demográfica: somente 13% dos adultos norte-americanos utilizam essa rede social, e apenas 3% deles *twitteia* de forma habitual ou, às vezes, sobre notícias de atualidade. Além disso, acrescenta o Pew, os utentes desta rede social tendem a ser mais jovens e – agora isso é dito com clareza – de esquerda.

A segunda razão é a amostragem: as conversas no Twitter podem incluir os não votantes: menores de 18 anos e estrangeiros. E a terceira tem que ver com os grupos opinantes: nem todos os que *twitteiam* sobre política se pronunciam sobre cada acontecimento político. Graças às etiquetas (*hashtags*), o Pew pôde identificar que muitos dos que se pronunciavam sobre a Proposta 8 da Califórnia não eram os mesmos que *twitteavam* sobre o discurso de investidura de Obama ou sobre a designação de Ryan.

Isto é o que refere o estudo. Mas pode-se avançar com uma hipótese para explicar porque na rede do pássaro domina a opinião crítica e progressista: o mecanismo de funcionamento do Twitter inclui vários ingredientes que podem desencadear a dinâmica da “espiral do silêncio” que Elisabeth Noelle-Neuman descreveu (“La espiral del silencio. Opinión pública: nuestra piel social”. Paidós, Barcelona, 1995). Ver resenha em <http://www.acepresa.com/articulos/la-espiral-del-silencio-opinion-p-blica-nuestra-pi/>.

Segundo esta autora, as pessoas procuram evitar o isolamento quando existe uma controvérsia de valores. Nestes debates, os que estão convencidos de que os seus pontos de vista são populares expressam-se abertamente e defendem-nos com entusiasmo, enquanto que os defensores da posição contrária tendem a retirar-se e a calar-se. Esta inibição faz com que a opinião objeto de apoio explícito pareça mais forte do que realmente é, e a outra mais fraca.

Assim descreve Noelle-Neuman o desenlace desta dinâmica: “As observações realizadas em determinados contextos estenderam-se a outros e incitaram as pessoas a proclamar as suas opiniões ou a ‘engoli-las’ e a manterem-se em silêncio até que, num processo em espiral, um ponto de vista veio a dominar o espaço público e, o outro, desapareceu da consciência pública ao silenciar os seus partidários”.

Esta “espiral do silêncio”, que se desencadeia na vida *offline* quando há polémicas sobre valores, encontra um terreno fértil no Twitter, a rede social por excelência que convida a tomar partido em debates controversos: aqueles que são tendência a cada momento. Além disso, o mecanismo de recompensa do Twitter (*retuits*, menções e favoritos) pode levar a que algumas pessoas não expressem as suas verdadeiras ideias por medo de virem a perder seguidores.

É verdade que no Twitter nunca faltam pássaros cujas grosserias – progressistas ou conservadoras – lhes fazem ganhar ainda mais seguidores, sejam admiradores ou inimigos. Mas nada exclui que a dinâmica descrita por Noelle-Neuman possa alimentar os utentes inseguros: evitar o isolamento é uma necessidade premente numa comunidade que se alimenta da aceitação.

J.M.

Evelyn Billings, pioneira da regulação natural da natalidade

Em 16 de fevereiro, morreu a australiana Evelyn Billings, pioneira dos métodos naturais de planeamento familiar, juntamente com o seu marido John (falecido em 2007). O Dr.

Billings desenvolveu um método de regulação natural da natalidade baseado na observação do colo do útero, que permite à mulher determinar quando é ou não fértil.

Os Billings percorreram o mundo durante mais de meio século, difundindo este método que foi adotado por milhões de casais.

John levou a cabo atividades de assessoria a casais desde 1953. John e Evelyn publicaram *The Billings Method*, traduzido para 22 idiomas e reimpresso 16 vezes, a última em 2011. Profundamente católicos, foram amigos pessoais de três Papas e obtiveram honras académicas em numerosos países.

Como recorda Antonella Mariani num artigo “Addio a Evelyn Billings. La natura del «metodo»” publicado em “*Avvenire*” (21.2.2013), o casal Billings insistia em que não eram “inventores” do seu método: “Foi Deus quem o fez, criando a mulher de um modo que inclui também o método. Procurámos compreender melhor o plano de Deus”, afirmaram em 2001 numa entrevista.

O método Billings baseia-se na observação dos sinais que acompanham o momento mais fértil do ciclo feminino, através de uma educação que fomenta a responsabilidade, a liberdade e o respeito mútuo nas relações conjugais. Este método foi também a base de outros métodos naturais, que constituem uma alternativa à mentalidade da anticonceção artificial. Com este método, segundo o Dr. Billings, “fomenta-se um melhor entendimento e uma cooperação estreita entre marido e mulher, e o casal une-se mais; o marido agradece a participação nas decisões que afetam os filhos e pode dizer-se verdadeiramente que a responsabilidade é partilhada”.

O método Billings é utilizado não só para espaçar as gravidezes, como, cada vez mais, para propiciar a chegada de um filho. Os métodos naturais estão também a ser aplicados com sucesso no combate à esterilidade. Kevin Hume, secretário da Woomb Internacional, organização cujo objetivo é a promoção do método Billings, afirmou sobre a regulação natural da fertilidade em países com escassa alfabetização: “Na Woomb, educamos a mulher na sua própria fertilidade. E também impulsionamos o seu desenvolvimento. Uma vez que a mulher reconhece a sua fertilidade, cresce a sua autoestima e também o controlo sobre o seu próprio corpo”.

Lorenzo Schoepflin num artigo “Evelyn Billings, un’esistenza per la vita” publicado em “*La Nuova Bussola Quotidiana*” (23.2.2013), destaca que o enorme legado do casal Billings não tem fronteiras. A Índia e a China acolheram favoravelmente este método para a regulação da fertilidade. A Madre Teresa de Calcutá conseguiu que, durante a campanha de esterilização forçada fomentada pelo governo indiano nos anos setenta, tenham ficado isentos dessa imposição os que dessem provas de praticar este método de planeamento natural. Na China, em 1986, os Billings foram convidados a participar em programas de formação empreendidos pela Comissão Estatal de Planeamento Familiar. O casal Billings deu formação a milhares de professores de métodos naturais.

Evelyn, membro do Conselho Pontifício para a Vida, apoiou-se na sua fé em Deus e na família. Ela e John tiveram 9 filhos, 39 netos e 31 bisnetos. O elevado número de filhos valeu-lhes por vezes certas ironias, mas Evelyn respondia que tinham sempre querido ter uma família grande.

Nos países desenvolvidos, as vantagens do recurso à regulação natural da natalidade parecem ser melhor compreendidas pelas mulheres com maiores níveis de ensino. É o que se depreende, no caso dos EUA, de novos dados proporcionados pelo Centro Nacional de Estatísticas de Saúde, baseados em entrevistas com 12.000 mulheres sexualmente ativas de 2006 a 2012, a que se refere o “The New York Times” (14.2.2013).

Segundo este estudo (“Contraceptive Methods Women Have Ever Used: United States, 1982-2010”), o ensino influi no tipo de método anticoncepcional utilizado. 40% das mulheres que não concluíram o ensino secundário, escolheram o método mais radical, a esterilização, algo que somente fizeram 10% das mulheres com título universitário. 36% das que não concluíram o secundário, usaram mais os anticoncepcionais injetáveis, como o Depo-Provera, algo que fizeram apenas 13% das mulheres com título universitário.

A abstinência periódica baseada no ciclo menstrual é uma conduta mais habitual nas mulheres que têm maiores níveis de ensino. Cerca de 28% das que obtiveram uma licenciatura ou uma pós-graduação, recorrem à regulação natural da natalidade, contra 13% das que não terminaram o secundário. Realce-se que esta investigação inclui a regulação natural da natalidade dentro dos métodos anticoncepcionais, embora também possa ser utilizada de modo a detetar o melhor momento para a conceção.

O recurso mais habitual aos métodos naturais das mulheres com título universitário pode refletir o seu melhor conhecimento dos riscos dos anticoncepcionais orais, a sua maior inclinação a adaptar-se aos ritmos naturais e a sua maior capacidade para entender o funcionamento destes métodos.

Entre os diversos métodos anticoncepcionais, a pílula do dia seguinte foi utilizada por 11% das mulheres inquiridas. Isto significou um aumento de 4% em relação a 2002. 12% das licenciadas disseram que tinham usado a anticonceção de emergência, contra 7% das que só têm o ensino secundário.

A transparência não chega às escolas

As famílias têm direito a saber se a escola que escolhem, passa ou não nos critérios de avaliação.

“Transparência” é o novo lema na esfera pública. O cidadão tem direito a saber, desde a fortuna dos políticos aos contratos com a Administração. Tem de se saber em que é gasto o dinheiro dos contribuintes e com que resultados. Já está comprovado que o secretismo e o silêncio administrativo são terreno fértil para a corrupção e as más práticas.

Neste clima surpreende que o setor escolar seja tão opaco. (...)

Nos âmbitos internacionais da avaliação escolar sopram outros ares, como se adverte no documento da OCDE sobre este assunto (“Synergies for Better Learning. An International Perspective on Evaluation and Assessment”). Aí a avaliação junta-se à publicação dos resultados e a uma exigência de responsabilidade dos agentes escolares: “Há crescente tendência para a informação pública, incluindo a publicação dos resultados de avaliações padronizadas dos alunos no âmbito escolar para uso dos pais, das autoridades educativas, dos meios de comunicação e de outros interessados; a publicação dos relatórios da inspeção educativa, os relatórios anuais da escola, e de relatórios de conjunto do sistema que avaliem o estado do ensino”.

Além disso, as avaliações estão ligadas a uma exigência de responsabilidade. “Podem servir”, diz também o documento, “como um instrumento para a responsabilidade dos agentes escolares quando os resultados da avaliação se encontram ligados a promoções na carreira ou a melhorias salariais, prémios, sanções, ou simplesmente para informar os pais sobre sistemas baseados na escolha de escola”. Com estas avaliações, “trata-se de criar incentivos para melhorar o rendimento e identificar escolas e agentes escolares de baixo rendimento”. (...)

I. A.

“As Serviçais”

“The help”

Realizador: Tate Taylor

Atores: Viola Davis, Octavia Spencer, Jessica Chastain

Duração: 146 min.

Ano: 2011

A ação do filme decorre nos anos 60 numa pequena cidade do Mississipi, no sul dos EUA. A história descreve e acompanha a

vida de algumas criadas negras que trabalham para as famílias brancas. As suas tarefas vão desde cuidar das crianças até às lides domésticas. O tema do filme não se esgota na questão do “racismo”, abrindo-se ao campo das relações pessoais. De facto, faz um retrato profundo da natureza humana, das suas facetas mais sublimes e elevadas, até às mais mesquinhas e miseráveis.

Tudo começa quando uma jovem rapariga branca resolve escrever um livro sobre a vida das criadas. Sabe que é arriscado, mas encontra apoio numa empregada que aceita relatar na primeira pessoa a sua experiência. As duas lançam-se corajosamente à ação. Têm consciência de que estão a ir contra a mentalidade vigente. Vencem o temor, pois sentem que podem alterar o rumo de tantas injustiças. São empreendedoras. Aproveitam as circunstâncias e criam oportunidades para agir e dizer a verdade. Isso liberta-as de constrangimentos e encoraja outras a segui-las. Ganham um sentido novo para o que fazem e esse projeto desenvolve-lhes novas capacidades e proporciona-lhes as ocasiões de concretizarem mais iniciativas, que apesar de sonhadas, só depois dessa coragem vivida se executam.

Este filme ganhou vários prémios e óscares, absolutamente merecidos, pois interpela o espectador ao questionar o sentido e impacto das suas ações em si mesmo e nos outros.



Tópicos de análise:

1. A coragem é inventiva e desenvolve capacidades adormecidas.
2. A valentia de uma pessoa atrai outros a segui-la no seu projeto.
3. A persistência na luta por uma causa justa valoriza essa iniciativa.

Paulo Miguel Martins

Professor da AESE